

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE ÁREA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS

THEORETICAL REFLECTIONS ON AREA IN GEOGRAPHICAL STUDIES

Marluce Silvino¹
Wandson do Nascimento Silva²
Leopoldo Gondim Neto³
José Borzacchiello da Silva⁴

Resumo: a história da Geografia revela que por um certo período seu principal objeto de estudo era identificar e distinguir os espaços em decorrência dos anseios de se conhecer os lugares mais remotos, num momento em que o saber geográfico ainda não era científico. Partindo dessa realidade o texto em tela reflete sobre a utilização do conceito de área a partir de uma exploração dentro da Geografia. A metodologia utilizada foi a análise de textos clássicos da geografia tanto em períodos passados (Hartshorne, 1978) como na contemporaneidade (Haesbaert, 2014) com foco em autores que abordam área em seus estudos. Como resultado pode-se apontar que embora este tenha sido explorado por autores de renome na Geografia como Hettner e Hartshorne que se debruçou a elaborar uma teoria com base na diferenciação de áreas, no contexto atual pouco tem se refletido sobre área enquanto conceito de fato sendo na realidade utilizado como termo em substituição de categorias geográficas como; região, zona e território.

Palavras – chave: Geografia. Categorias de estudo. Área Geográfica.

Abstract: the history of geography has revealed that for a certain period its main object of study was to identify and distinguish the spaces due to the yearnings to know the most remote places, at a time when geographical knowledge was not scientific yet. From this reality, the text on screen reflects on the use of the concept of area from an exploration within Geography. The methodology used was the analysis of classical texts of geography (Hartshorne, 1978) in both past and contemporary periods (Haesbaert, 2014) focusing on authors who approach the concept of area in their studies. As a result, it can be pointed out that although renowned authors in geography such as Hettner and Hartshorne have explored it who has worked to elaborate a theory based on the differentiation of areas, in the present context little has been reflected on area as a concept in fact being in reality used as a term in place of geographical categories such as; region, zone and territory.

Keywords: Geography. Study categories. Geographical area.

Introdução

A sistematização das ciências passa por um processo de elaboração de teorias e conceitos que fundamentam as discussões e permitem o desenvolvimento de estudos em diversas áreas do conhecimento. Ao se pensar nessa realidade tendo como foco o processo de

¹ Doutoranda em Geografia no PPGGeo – UFC - E-mail: marlucesilvino28@gmail.com

² Doutorando em Geografia no PPGGeo – UFC - E-mail: wandsongba@hotmail.com

³ Doutorando em Geografia no PPGGeo e Docente no curso de Gastronomia – UFC - E-mail: chefleogondim@gmail.com

⁴ Docente dos Programas de Pós-Graduação em Geografia da UFC e PUC-RIO – E-mail: borzajose@gmail.com

estruturação da geografia, é importante ressaltar que desde a antiguidade clássica já existiam relatos característicos do conhecimento tido como geográfico, porém, é a partir da elaboração de sua fundamentação teórico-metodológica que está se torna ciência no século XIX. Nesse percurso, a geografia após vivenciar diversas formulações metodológicas elenca como seu objeto de estudo o resultado da relação entre o homem e a natureza; o espaço geográfico.

Para se chegar a essa afirmação outros conceitos foram e são essenciais para entender espaço. Santos (2014) defende cinco categorias geográficas que também são conceitos e ao serem lidas possibilitam compreender o espaço geográfico, são elas: território, região, paisagem, lugar e espaço.

Além dessas cinco categorias/conceitos outras também são inseridas nas discussões geográficas em virtude da complexidade de configuração do espaço nos dias atuais fruto da produção capitalista e de um momento em que tudo acontece no âmbito da globalização. Dentre estas apontamos: redes, escala, zona e área.

Nesse sentido, o presente trabalho discute a utilização do conceito de área a partir de uma exploração dentro da Geografia identificando de que modo se apresenta desde os estudos de períodos anteriores bem como nas discussões atuais. Os procedimentos metodológicos utilizados foram predominantemente a partir do levantamento do arcabouço teórico com uma releitura do conceito de Área, tendo como fundamentação basilar os textos de Hartshorne (1978), Moraes (1997) e Gomes (2010) dentre outros.

Foi realizado também, a elaboração de produtos cartográficos advindos de dados georreferenciados disponíveis pelos órgãos federais a partir de sites oficiais, utilizando-se o software de uso gratuito, Quantum Gis versão 2.18. Com esses dados foi possível construir ilustrações que demonstram o uso de área nas discussões atuais.

De posse das obras selecionadas foram realizadas sínteses comentadas dos referidos textos e uma sistematização das principais ideias, desse modo o texto se divide em duas etapas, numa primeira apresenta-se como o conceito de área foi incorporado inicialmente com os estudos de Hartshorne que construiu uma reflexão sobre o que deveria ser foco de estudo da Geografia, realizando de forma objetiva uma reflexão sobre o conceito de Área e na segunda etapa aborda-se o termo área sendo utilizado em diversos estudos no âmbito da ciência geográfica atual porém sem muito rigor de discussão sobre o conceito em si.

O conceito de Área na história da Geografia

É sabido que o conhecimento geográfico ao longo dos anos agregou contribuições de diversos autores, inclusive de diferentes correntes. Por ora, apresentamos uma discussão acerca das contribuições de autores que discutiram o conceito de área nos estudos geográficos. Nesse sentido, tem-se como ponto de partida o aporte teórico desenvolvido por Antônio Carlos Robert Moraes em seu Livro “Geografia Pequena História Crítica” (1997) e colaboração de demais autores.

Partindo desse arcabouço teórico, se faz necessário compreender o contexto no qual o conceito de área surge no discurso geográfico. Para tanto, surgem os nomes de A. Hettner e R. Hartshorne, os quais estavam ligados a corrente do pensamento geográfico conhecida, com certa impropriedade, como Geografia Racionalista. Esta corrente baseava-se no neokantismo, caracterizada por ser menos empirista e privilegiar o raciocínio dedutivo, diferentemente das correntes anteriores (Determinismo e Possibilismo) que tinham suas fundamentações baseadas no positivismo.

É a partir desse contexto, que Hettner vai propor em suas teorizações um terceiro percurso para a análise geográfica que seria a geografia enquanto ciência cujo estudo estaria comprometido com “a diferenciação de áreas”. Visava, portanto, explicar duas perguntas, o “por quê” e “em que” as proporções da superfície terrestre se diferem, levando em consideração a apreensão dessas diferenças a partir do próprio senso comum.

Diferentemente do Determinismo de Ratzel e do Possibilismo de La Blache, o estudo da diferenciação de áreas surge com caráter singular, considerando as características locais contidas no espaço e suas interrelações. Assim, Moraes (1997) afirma que:

Para Hettner, o caráter singular das diferentes parcelas do espaço adviria da particular forma de inter-relação dos fenômenos aí existentes. A Geografia seria então o estudo dessas formas de inter-relação dos elementos, no espaço terrestre (MORAES, 1997, p.85).

Uma vez que, o possibilismo se apresentava como incontestável, as ideias de Hettner tiveram pouca divulgação, não sendo incorporadas em sua época. Contudo, as teses Hettnerianas voltam a ser amplamente discutidas pelo geógrafo americano Richard Hartshorne, desenvolvendo-o e aprimorando-o. Com isso os Estados Unidos começa a despontar nos estudos geográficos, uma vez que, até então, o pensamento geográfico caracterizava-se como repetição das teses europeias.

Em relação ao estudo de áreas na geografia, é inegável as contribuições de Hettner e, por conseguinte, as discussões desenvolvidas por Hartshorne no percurso construtivo do pensamento geográfico. Se a geografia americana consegue na década de 1930 desenvolver-se, isso dar-se sem dúvidas pelas contribuições das produções de Hartshorne em decorrência do seu caráter mais amplo em direção a uma geografia geral.

Moraes (1997) apresenta esse cenário ora exposto, como caminho percorrido por Hartshorne até sua proposta final, publicado em 1959 em seu livro “Questões sobre a natureza da geografia”. Nos estudos propostos por Hartshorne destaca-se a ideia de que as ciências se definem por métodos próprios, sendo assim, a ciência geografia possuía sua individualidade e autoridade, resultante de sua forma de apreender a realidade. E o método geográfico estaria vinculado ao fato de a geografia trabalhar com o real, abordando variados fenômenos.

Desta forma, Hartshorne deixou de procurar um objeto da Geografia, entendendo-a como um “ponto de vista”. Seria um estudo das inter-relações entre fenômenos heterogêneos, apresentando-as numa visão sintética. Entretanto, as inter-relações não interessariam em si, e sim na medida em que “desvendam o caráter variável das diferentes áreas da superfície da Terra”. Pois, para Hartshorne, a Geografia seria um estudo da “variação de áreas” (MORAES, 1997, p.87).

Basicamente dois conceitos foram formulados por Hartshorne, o de “área” e o de “integração”. Sendo assim, Hartshorne define área como uma parcela da superfície terrestre, cujo observador delimita e difere das demais, de modo a focar os fenômenos por ele escolhido passando a ser instrumento de análise e construída a partir do processo de investigação. Desta forma, a área possui diversos processos integrados, apresentando uma inesgotável fonte de inter-relações que por sua vez, resultariam no conhecimento total da área, o que seria impossível dado a complexidade. Sendo assim, se faz necessário selecionar elementos que se apresentem como significativos para serem analisados.

Hartshorne se debruçou na escrita da obra Propósito e Natureza da Geografia no verão de 1939 e nesta destaca em um capítulo “O que se entende por Geografia e o estudo da diferenciação de área. O termo “diferenciação de área”, que atualmente nos parece muito simples é um caminho metodológico na natureza da Geografia que advém da própria necessidade que os indivíduos têm de dominar e conhecer outros espaços distantes de sua localidade. O surgimento da Geografia segundo Hartshorne (1978, p. 16) se dá por essa necessidade como nos aponta: “Essa curiosidade universal do homem acerca do mundo situado além dos seus horizontes imediatos, mundo sabiamente diferente, em grau variável, de área doméstica, constitui os alicerces de toda Geografia”.

A constante busca por novos lugares vem da origem do homem sobre a terra quando descobriu que seu mundo mudava de um lugar para outro e foi por essa razão que a geografia se desenvolveu como matéria de interesse popular (HARTSHORNE, 1978). Muitos autores como Estrabão, La Blache, Sauer dentre outros se dedicaram a entender essas diferenciações como um princípio de estudo da Geografia.

Se hoje com tantos recursos tecnológicos nos facilitam essa afirmativa do quanto o planeta é múltiplo de áreas, na época da geografia clássica isso só se fazia possível através de relatos de viagens descritas que se tornavam enciclopédias e em casos mais científicos, livros. Com base nas suas observações, Hartshorne afirmava que as áreas tinham características que em certos casos se diferem e em outros se assemelham e o estudo que se debruçaria a analisar essas localidades trazia para a geografia grande valor acadêmico. Mas o objetivo não seria apenas mostrar que se diferem, mas como, partiria da compreensão e interpretação dos fenômenos de modo que se pudessem elaborar categorias, classes e padrões de características.

Seria através desse tipo estudo que se criariam termos genéricos, Hartshorne nos traz como exemplo um clima específico que pode ocorrer em diferentes continentes e ao se elaborar as características em um primeiro lugar, este mesmo clima já seria reconhecido se fosse encontrado num outro espaço. No entanto o autor salienta que apenas classificar indicando como se o mesmo clima se repetisse seriam cair em um erro sério, pois algumas especificidades como pluviosidade e temperaturas sazonais podem ser dotados de nuances que só ocorrem naquele lugar e embora no conjunto as semelhanças ocorram isso não seria uma regra, mas uma ferramenta de reconhecimento.

Para Hartshorne (1978 p. 22) a Geografia: “tem por objeto proporcionar a descrição e a interpretação, de maneira precisa, ordenada e racional, do caráter variável da superfície da Terra”. Seria esse caráter de variação que permitiria o uso da diferenciação, pois só se consegue compreender o todo se dele se decompuser as partes, os fenômenos e espaços ao serem descritos e analisados pelo geógrafo em suas particularidades poderão ter a sua totalidade abarcada pelo olhar científico. Para Gomes (1996, p. 238), Hartshorne busca justificar a geografia moderna por meio de suas origens clássicas com a valorização da criação dos conceitos para a construção de um debate sólido.

O distanciamento do conceito de Área nos estudos geográficos contemporâneos

Um grande desafio que surge na discussão geográfica é entender os conceitos e como os mesmos são aplicados. Quando se refere ao conceito de área, este visto com ênfase a partir dos estudos de Hettner e Hartshorne, se mostra importante levantar uma análise de como está sendo empregado esse conceito nos dias atuais.

Com base nas pesquisas realizadas percebe-se que o conceito de área tem se distanciado na discussão conceitual sendo cada vez mais associado a outros conceitos como; Região, Domínio, Zona, Território. Tem sido usual nas leituras que o conceito seja na realidade utilizado como termo para designar um conceito sem ter que repetir a mesma palavra.

Uma das formas de aplicabilidade no âmbito geográfico se dá a exemplo de estudos de Áreas Urbanas e Áreas Rurais, entre outros instrumentos utilizados para o planejamento territorial. Aqui cabe ressaltar que o conceito de área passa a ser tratado como demarcação territorial com a finalidade de elaborar políticas públicas ou ações do Estado denotando que o conceito de fato explorado é o de território.

Ao se observar a definição de Área no dicionário Aurélio temos a seguinte definição: “Medida de uma superfície; Superfície plana, delimitada; Extensão de terreno; Campo de atividade ou interesse; esfera, domínio; Pátio” (FERREIRA, 2000, p. 58). Desta forma é possível perceber a palavra área sempre relacionada a uma dimensão espacial delimitada e de acordo com os interesses do observador/pesquisador, o termo é utilizado com a finalidade de definir o espaço.

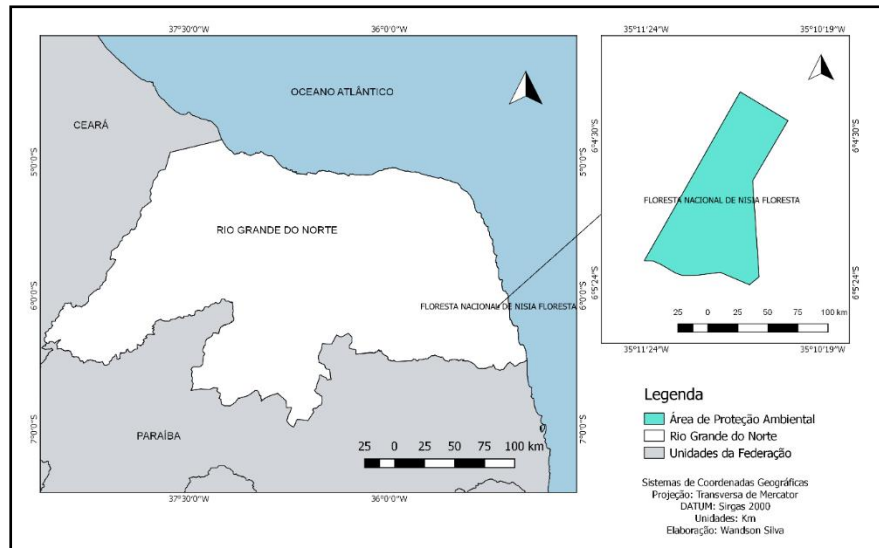
Outro exemplo são as “Áreas de Proteção Ambiental” (APA), definidas como unidades de conservação, que se destina a proteger e conservar a qualidade ambiental e os sistemas ambientais e, tem por objetivo a melhoria da qualidade de vida da população e proteção dos ecossistemas regionais (CONAMA, N. 010/1988). Aqui não se pretende expor a função da APA, mas apresentar na prática como uma determinada Área pode ser observada e pesquisada a partir de uma discussão geográfica. O mesmo contexto se aplica as “Áreas de Proteção Permanente” (APP), definida pela Lei n. 12.651/2012 como sendo:

Uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas (BRASIL, 2012).

Não só os exemplos apresentados, mas também outros mencionados no início dessa discussão, encontram-se definidos pela legislação, no caso brasileiro e, em todos os casos

entendidas como uma parcela da superfície terrestre delimitada. Inclusive, as características que definem as delimitações encontram-se mencionadas nas legislações vigentes. Exemplificando uma Área a partir de uma representação cartográfica, tem-se a Figura 01, onde pode-se observar uma Área de Proteção Ambiental, localizada no estado do Rio Grande do Norte.

Figura 01: Área de Proteção Ambiental



Fonte: SILVA, W. N. Dados retirados do site <http://forest-gis.com/download-de-shapefiles/>. Acesso em 05/05/2019.

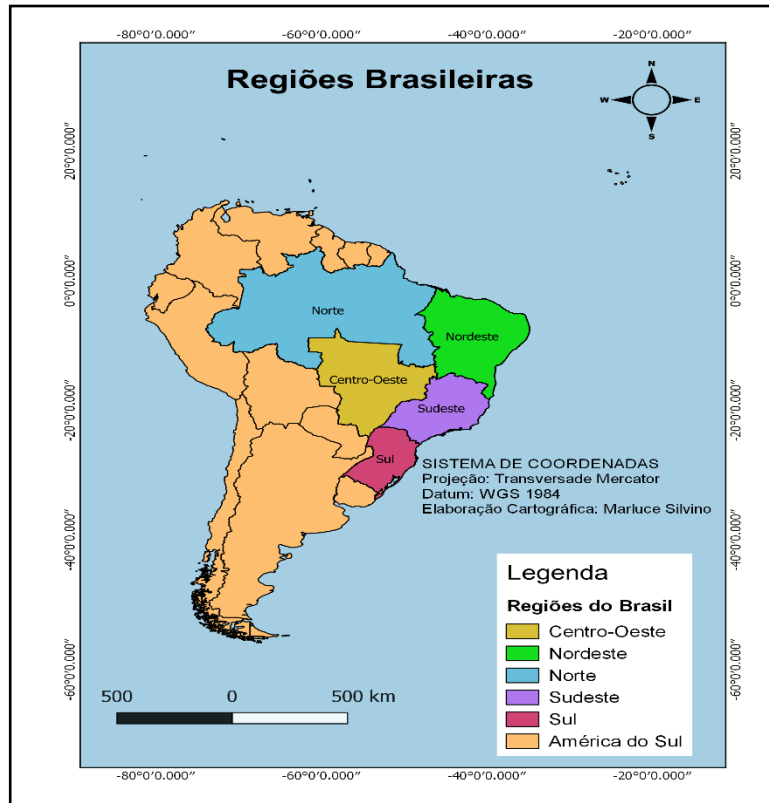
É perceptível a partir de observação da figura 01 que a definição de área é aplicada efetivamente nos estudos geográficos, principalmente nas análises relacionadas ao uso do geoprocessamento.

Área enquanto porção da terra também é associada facilmente ao conceito de região, segundo Gomes (2010) região no Império Romano era termo utilizado para designar área subordinadas ao domínio de Roma. Para Hasbaert (2014) ao se referir aos estudos feitos por Hartshorne vai observar que para este, “uma ‘região’ é uma área de localização específica, de certo modo distinta de outras áreas, estendendo-se até onde alcance essa distinção. A natureza da distinção é determinada pelo pesquisador que empregar o termo”. Desse modo a ação de subdividir o espaço de determinado território, criando regiões passa involuntariamente pela ideia que se tem de áreas.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao definir as regiões do Brasil observa a identificação de áreas individualizadas que apresentam o mesmo o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como

elemento da articulação espacial. Atualmente o Brasil tem cinco regiões geográficas, como nos mostra a figura 02.

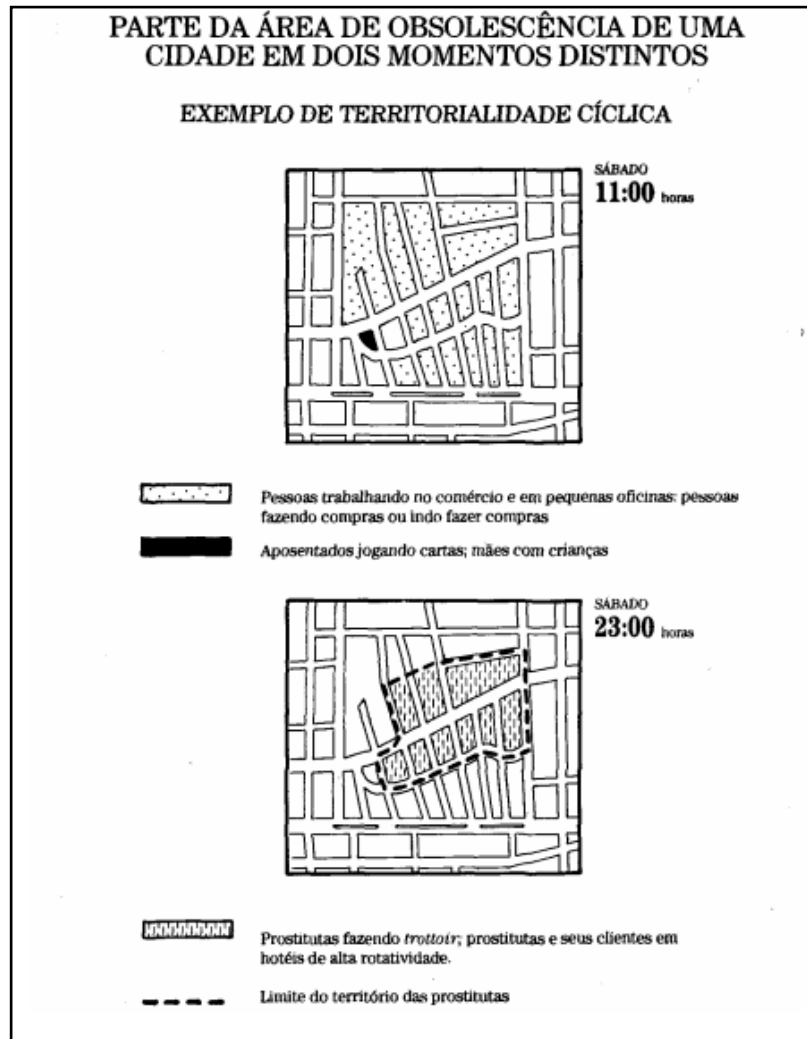
Figura 02: Mapa das Regiões Brasileiras



Fonte: SILVINO, M. Dados retirados do site <https://gismaps.com.br/downloads-shp/>. Acesso em 05/05/2019

Observando o mapa é claro a sua classificação em regiões a partir de áreas que apresentam características aproximadas, e essa denominação no caso Brasileiro teve origem ainda mais remota desde a colonização do país onde o território foi fatiado em porções na criação das Capitâneas Hereditárias. Esse sistema administrativo oriundo de Portugal, dividia e doava faixas de terras para nobres colonizarem o novo mundo como forma de afirmar para demais países a ocupação e domínio de sua colônia.

Nesse contexto já notamos a ideia de área associada a noção de território. O território, outro conceito chave da geografia com frequência ganha a roupagem de área, Souza (2010) ao discutir a questão territorial em Metrôpoles e uso de determinadas localidades “obsoletas pela substituição, trata o conceito claramente pela ideia de área como o próprio título da figura representa. Observemos na figura 03 retirada do texto do autor.

Figura 03: Área territorial de obsolescência

Fonte: SILVINO, M. Print do texto (Souza, 2010).

Estudando o que seriam territórios, cíclicos que mudam de uma hora para outra do dia, o autor destaca como a área muda de funcionalidade, onde num primeiro momento é utilizado por pessoas desenvolvendo suas atividades cotidianas e já num segundo instante a realidade criada pela oferta de garotas de programas e demais profissionais desse ramo ocasionam um intenso fluxo que descaracteriza a área anterior e cria uma nova. A ideia que de área utilizada pelo autor cumpri a função de demonstrar os territórios desse modo percebemos como o termo se revela multifacetado.

Os territórios segundo Raffestan (1993) são criados por e a partir das relações de poder, que pode ser um poder simbólico/cultural ou de apropriação por meio da força. Em todos os casos ocorre o domínio de uma porção do espaço, de uma área, que pertence a determinado grupo. Mas também pode se dar por meio do domínio de determinado fenômeno ou espécie, no âmbito da Geografia Física, Ab'Saber (2003) classificou esses territórios em Domínios.

Esses domínios denominados de “Domínios Morfoclimáticos” e “Domínios Fitogeográficos, a depender de suas características e elementos constituintes, são na verdade o que abordamos no decorrer do trabalho como áreas. Uma vez que são considerados como sendo um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial, constituídos por centenas de milhares até milhões de quilômetros quadrados de área (AB’SABER, 2003).

Os Domínios são áreas fitogeográficas que consideram as características climáticas, hidrográficas, pedológicas e ecológicas. O autor descreveu seis domínios: domínio amazônico, domínio de cerrado, mares e morros, caatinga, araucárias, pradarias e além destes ainda uma faixa identificada como áreas de transição. O conceito de área aqui revela a porção fitogeográfica que contém semelhanças entre si e também cumpre a função de identificar locais onde as semelhanças são mescladas com características de outro domínio.

Ainda corroborando com essa discussão Ab’ Saber (2003), diz que:

Tais domínios espaciais, de feições paisagísticas e ecológicas *integradas*, ocorrem em uma espécie de área principal, de certa dimensão e arranjo, em que as condições fisiográficas e biogeográficas formam um complexo relativamente homogêneo e extensivo. A essa área mais típica e contínua – via de regra, de arranjo poligonal – aplicamos o nome de *área core*, logo traduzida por *área nuclear* – termos indiferentemente empregados, segundo o gosto e as preferências de cada pesquisador (AB’SABER, 2003, pg. 12).

Nos trabalhos de cunho geográfico é possível observar o termo “área” em diversos textos, o emprego desse termo dependerá sempre do pesquisador e como o mesmo faz a leitura de sua área de pesquisa e os elementos constituintes. Não se pode pensar que o termo aqui trabalhado limita-se a estudos de um determinado ramo da ciência geográfica, pelo contrário, área pode ser estudada em qualquer segmento geográfico que estuda a configuração espacial, seja ela em seus aspectos naturais, urbanos, sociais, econômicos, culturais, entre outros.

Ainda pensando na aplicabilidade do termo, podemos mencionar alguns estudos que utilizaram o termo de área para explicar fenômenos, como é o caso de Guerra e Marçal (2015), que aborda a Geomorfologia das Áreas Rurais, como instrumento que deve estar atento as transformações impostas pela agricultura e pela pecuária ao relevo, especialmente, porque são atividades que se utilizam quase sempre, de consideradas extensões de terras.

O mesmo autor também menciona a Geomorfologia Aplicada ao Estudo das Áreas Costeiras, que subsidia pesquisas relacionadas as pressões desencadeadas pela sociedade nas áreas costeiras, principalmente no Brasil, onde ocorre uma expansão na ocupação dessas áreas de forma acelerada, sem planejamento, ocasionando variados problemas, tais como: erosão costeira, saneamento, poluição, desmatamento de manguezais. Uma terceira abordagem diz

respeito a Geomorfologia Aplicada a Áreas Degradadas, que a partir do conhecimento do relevo e os processos associados pode ser útil na prevenção de ocorrências de processos que atuam principalmente em encostas, a exemplo de assoreamentos, erosão e deslizamentos.

Ainda relacionado a trabalhos sobre análises naturais da geografia física, Vitte e Guerra (2014) traz o termo área relacionado a aspectos ambientais sobre o processo de escorregamentos em áreas urbanas, dando ênfase a eventos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. Como também discussões pertinentes sobre o processo de erosão tanto em áreas urbanas como rurais, apresentando fragilidades e exemplos em diversos estados brasileiros.

Com base nesses exemplos, zona, região, território e domínio, percebemos a variedade de abordagens nas quais o conceito de área é utilizado. No cenário contemporâneo de fato o mundo todo já é conhecido e está ao alcance da leitura por parte do geógrafo de modo que identificar as diferenças é uma tarefa complexa porém de mais facilidade de acesso se comparada a tempos anteriores. Os territórios, as zonas, regiões e demais conceitos mudam velozmente de interpretação em virtude da geopolítica mundial, da dinâmica local e dos fenômenos intensificados pelo desgaste que a produção econômica impõe aos recursos naturais. Para a geografia a tarefa de criar categorias de análise torna-se intensa e se faz necessária a escolha daquilo que melhor se aplica ao contexto atual, nesse sentido Área acaba por ser um conceito pouco explorado, sendo em muitas ocasiões o coadjuvante.

Considerações Finais

Desde o surgimento do conhecimento geográfico algo presente nos estudos sempre foi a necessidade de se conhecer lugares distantes, e entender até que ponto estes se assemelhavam com as localidades já conhecidas. Nesse contexto a capacidade de diferenciar os lugares, apontando semelhanças e compreendendo diferenças tornou-se uma qualificação do geógrafo.

O conceito de Área mais abertamente influenciado pelas discussões de Hartshorne e anteriormente os clássicos Hettner e Sauer torna-se o ponto de partida para se compreender determinados espaços geográficos, elencando suas especificidades e variações. A partir deste estudo podemos concluir que estudar o conceito de Área requisita entender sua peculiaridade e complexidade.

Assim se torna importante perceber que o conceito de Área ora exposto se pauta num objeto de observação cujo o observador é o agente que o delimita e após essa ação que se faz possível a ênfase de elementos importantes que se relacionam-se entre si. A Área escolhida

deve ser o ponto de partida para a investigação geográfica, e nessa área pode ser compreendido e abordado outros conceitos de forma subjetiva. Este é um conceito que não figura entre os principais conceitos geográficos, (a saber território, região dentre outros) porém muitas vezes este é o termo utilizado para indicar tais abordagens. Segundo a língua portuguesa, termo se refere a menor unidade de um conceito, ele é a representação do conceito.

Sendo assim, uma determinada Área estará sempre num espaço, irá conter uma paisagem, pertencer a um lugar que integra uma região e tem território bem delimitado. Área também pode ser interpretada como um domínio, uma zona. Observa-se com este estudo que o debate sobre o conceito de área não tem sido privilegiado pelos autores, sendo na realidade pouco abordado e muito utilizado enquanto um substituto para se referir aos outros conceitos. O arcabouço teórico sobre área enquanto categoria (conceito) é muito escasso sendo sempre o principal protagonista os estudos de Hartshorne.

Nesse contexto o presente trabalho não se encerra mas ao contrário ele é a abertura para a necessidade de se discutir um termo tão utilizado porém metodologicamente não explorado e que o olhar do geógrafo é capaz de construir uma fundamentação que o preencha de sentido num contexto teórico contribuindo para desvendar a complexidade do espaço geográfico.

Referências Bibliográficas

AB' SABER, Aziz. **Os domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. 7 ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei n. 12.651 de 25 de Maio de 2012**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112651.htm Acesso em 30/04/2019.

CONAMA. **RESOLUÇÃO Nº 010 de 14 de dezembro de 1988**. Disponível em: <http://www2.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=74> Acesso em 01/05/2019.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2000.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GUERRA, Antônio José Teixeira. MARÇAL, Mônica dos Santos. **Geomorfologia Ambiental**. 7 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2015.

HAESBAERT, R. Por uma constelação geográfica de conceitos. In: **Viver no Limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1978.

MORAES, A.C.R. **Geografia**: Pequena História Crítica. 15ª ed., São Paulo: Hucitec, 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. GOMES, P. C. C. CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 13ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

VITTE, A. C. GUERRA, TEIXEIRA. A. J. **Reflexões sobre a Geografia Física no Brasil**. 7 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2014

*Recebido em 24 de julho de 2019.
Aceito em 10 de outubro de 2019.*